



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA

CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH

CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

GILMARA ALVES DE SOUSA

MARCAS DA POESIA NA NARRATIVA DE BARTOLOMEU CAMPOS

QUEIRÓS: *Leitura de Coração não toma sol*

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2018

GILMARA ALVES DE SOUSA

MARCAS DA POESIA NA NARRATIVA DE BARTOLOMEU CAMPOS

QUEIRÓS: Leitura de *Coração não toma sol*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva.

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2018

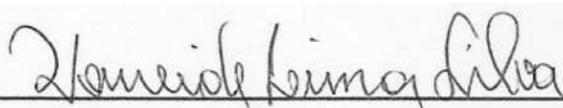
É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725m Sousa, Gilmaria Alves de.
Marcas da poesia na narrativa de Bartolomeu Campos Queirós: leitura de coração não toma sol [manuscrito] / Gilmaria Alves de Sousa. - 2018.
28 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Vaneide Lima Silva, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."
1. Prosa Poética. 2. Bartolomeu Campos Queirós. 3. Narrativa. 4. Poesia. I. Título
21. ed. CDD 801.95

**MARCAS DA POESIA NA NARRATIVA DE BARTOLOMEU CAMPOS
QUEIRÓS: Leitura de *Coração não toma sol***

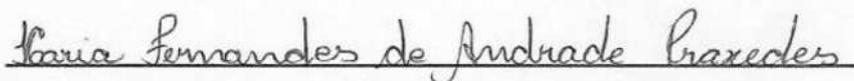
GILMARA ALVES DE SOUSA

APROVADO EM: 07 de dezembro de 2018.



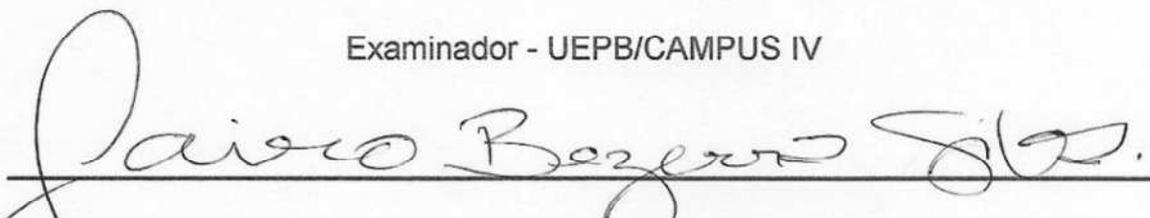
Prof^ª. Dr^ª. Vaneide Lima Silva

Orientadora - UEPB/CAMPUS IV



Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Examinador - UEPB/CAMPUS IV



Prof. Dr. Jairo Bezerra Silva

Examinador – UEPB/CAMPUS IV

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2018

Dedico este trabalho a minha família,
por estar sempre presente, me
apoiando e dando força.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me proporcionado a realização deste trabalho, apesar de todas as dificuldades ele nunca me abandonou.

A minha mãe Maria Alves, que sempre me motivou a não desistir; ao meu pai Geraldo Matias (in memorian), que não pôde vivenciar esse momento, mas sempre vai estar presente em meu coração. Ao meu irmão, Matheus Alves, que sempre me ajudou no que fosse preciso; ao meu filho Victor Emanuel, que mesmo pequeno me contagia com seu amor me dando forças para seguir em frente. E, em especial, a minha orientadora Vaneide Lima Silva, que não desistiu de mim. Sou muito grata a sua dedicação e esforço para que eu concluísse essa etapa.

O gênero poético tem uma configuração distinta dos demais gêneros literários. A linguagem se define por sua natureza contida, e, por isso mesmo, densa, mantendo maior grau de ambiguidade e maior tensão nas relações das palavras. Como a função poética deve presidir o jogo do fazer poético, a dimensão lúdica e sensorial dos signos dimensiona ritmos (visual, sonoro, estrutural, etc.), percebidos nas camadas sensíveis da linguagem. Sendo assim, a poesia é para ser ouvida, cantada, tocada e sentida profundamente pela totalidade do corpo. (Vânia Maria Resende)

RESUMO

Este trabalho tem o propósito de fazer uma leitura crítica do livro, *Coração não toma sol*, de Bartolomeu Campos de Queirós, procurando identificar as marcas da poesia presentes nessa narrativa. Escritor mineiro que começa sua vida literária a partir dos anos 70 e atualmente ocupa um lugar de destaque na produção literária dedicada ao público infanto-juvenil. A narrativa que motiva a realização deste estudo foi publicada originariamente em 1986, recebeu algumas premiações e novas edições, a última em 2010, e narra a história de um coração que, por viver entre as sólidas paredes de um castelo, não tomava sol. Ele tinha por tarefa guardar tudo aquilo que o castelo encontrava, pensava e sonhava. Tantos enredos surgiam do leste ou chegavam do oeste, que o coração os guardava sem saber por que vinham. E assim, leva o leitor a uma leitura mais ampla, proporcionando um sentido repleto de beleza ao texto, acima de tudo intensifica e revela a expressão dos sentimentos. Toda a emotividade que caracteriza a narrativa nos possibilita fazer uma ponte da narrativa com a poesia. Trata-se, portanto, de um estudo de crítica literária que, por sua vez, se caracteriza por uma pesquisa de base bibliográfica. Para tanto, foram de fundamental importância os estudos de Aristóteles (1984, DÓnofrio (2004), Abramovich (2004), Goldestein (2004), dentre outros. A leitura crítica realizada aponta para uma narrativa que é detentora de uma linguagem marcada por repetições, animismo e metáforas, traços distintivos da poesia que se fazem presentes em *Coração não toma sol*, caracterizando-a uma prosa poética. Tomaremos como referência a 11ª edição lançada pela FTD, em 1998.

Palavras-chave: Prosa Poética. Bartolomeu Campos Queirós. *Coração não toma sol*.

ABSTRACT

This work has the purpose of making a critical reading of Bartolomeu Campos de Queirós' book, *Heart does not take sun*, trying to identify the marks of poetry present in this narrative. A writer who started his literary life from the 70's and currently occupies a prominent place in the literary production dedicated to children and youth. The narrative that motivates the realization of this study was originally published in 1986, received some awards and new editions, the last in 2010, and tells the story of a heart that, living among the solid walls of a castle, did not take sun. He had the task of keeping everything the castle found, he thought and dreamed. So many plots came from the east or came from the west, which the heart kept without knowing why they came. And so, it takes the reader to a wider reading, providing a full sense of beauty to the text, above all intensifies and reveals the expression of feelings. All the emotion that characterizes the narrative enables us to bridge the narrative with poetry. It is, therefore, a study of literary criticism, which, in turn, is characterized by bibliographical research. For this, the studies of Aristotle (1984, Dónofrio (2004), Abramovich (2004), Goldestein (2004), among others) were of fundamental importance. The critical reading points to a narrative that has a language marked by repetitions, animism and metaphors, distinctive features of poetry that are present in *Heart does not take sun*, characterizing it a poetic prose. We will take as reference the 11th edition launched by FTD in 1998.

Keywords: Poetic Prose. Bartolomeu Campos Queirós. *Heart does not take sun*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIDA E A OBRA DE BARTOLOMEU CAMPOS QUEIRÓS	11
1.1 Considerações sobre a obra de Bartolomeu Campos Queirós.....	12
2. SOBRE A PROSA POÉTICA: ASPECTOS TEÓRICOS	15
2.2 A expressividade da linguagem poética.....	17
3. IDENTIFICANDO AS MARCAS DA POESIA NA NARRATIVA: LEITURA DE <i>CORAÇÃO NÃO TOMA SOL</i>	21
3.1 O enredo da narrativa.....	21
3.2 As marcas da poesia.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	28

INTRODUÇÃO

O professor e escritor mineiro Bartolomeu Campos Queirós dá início às suas publicações na década de 70 pela qualidade de sua obra o autor ocupa um lugar de destaque na atual produção de Literatura Infanto-juvenil, devido à exploração da sensibilidade, humanismo ou sentido poético que singulariza seus livros destinados tanto a crianças quanto aos adultos.

Suas narrativas em geral são marcadas pela presença forte da poesia, a qual, por sua vez, surge arraigada no culto dos seres em contraponto com a concretude visível das realidades, a exemplo do que acontece no enredo da narrativa *Coração não toma sol*, (1998), que conta a história de um coração que, por viver entre as sólidas paredes de um castelo, não tomava sol. Ele tinha por tarefa guardar tudo aquilo que o castelo encontrava, pensava e sonhava. Tantos enredos surgiam do leste ou chegavam do oeste, que o coração os guardava sem saber por que vinham, conduzindo assim o leitor a uma leitura mais aberta, fazendo com que a linguagem proporcione um sentido repleto de beleza ao texto, que acima de tudo intensifica e revela a expressão dos sentimentos.

Toda a emotividade que caracteriza a narrativa nos possibilita fazer uma ponte com a poesia, uma vez que a linguagem dos livros, em sua maioria, é quase sempre marcada por repetições, animismo e metáforas, traços distintivos da poesia que se fazem presentes em *Coração não toma sol*, caracterizando-a uma prosa poética. Desse modo, pretendemos fazer uma leitura crítica dessa narrativa, procurando identificar outros traços da poesia que se fazem presentes na obra.

Trata-se, portanto, de um estudo de crítica literária, que se caracteriza de base bibliográfica, que, segundo Gil (2008) é a pesquisa constituída por material já elaborado como livros e artigos científicos, sem deixar de recorrer a materiais da pesquisa documental, afinal, ainda segundo Gil, ambas são muito semelhantes, tendo como diferença apenas a natureza das fontes. Para autor, a pesquisa bibliográfica fundamenta-se em contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, enquanto que a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, mas que as informações são importantes e enriquecedoras para o objetivo do trabalho, tais

como documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, documentários, entrevistas, gravações etc.

O artigo encontra-se assim estruturado: inicialmente, trazemos algumas informações sobre o escritor e sua obra, procurando fazer uma apresentação do autor e indicando estudos que já foram desenvolvidos em torno de sua obra com os quais tivemos contato durante a elaboração deste trabalho; num segundo momento, mais teórico, buscamos caracterizar a prosa poética, especificamente a que se destina ao público infanto-juvenil, identificando e apontando elementos da narrativa que agradem às crianças. Por fim, procedemos à análise da narrativa *Coração não toma sol*, seguindo os princípios de análise textual que busca identificar os recursos estilísticos do texto literário, evidenciando, portanto, as marcas da poesia presentes na obra.

Esperamos que este trabalho venha se somar aos estudos já realizados em torno da obra de Bartolomeu Campos Queirós e divulgue entre os professores a qualidade dos livros desse escritor, cuja trajetória de vida demonstra defender o valor da arte no processo educativo, pois seus livros refletem a busca ou a sugestão dessa “qualidade” que tornará mais rica a vida das criança hoje e amanhã.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIDA E A OBRA DE BARTOLOMEU CAMPOS QUEIRÓS

Escritor mineiro, que viveu sua infância em Papagaios, interior de Minas Gerais, Bartolomeu Campos Queirós começou a publicar suas obras de Literatura endereçada ao público infantil nos anos 70, dando início a sua carreira com o livro *O peixe e o pássaro*, em 1974. Recebeu alguns prêmios significativos: Prêmio “Cidade de Belo Horizonte” (com *O peixe e o pássaro e Pedro*); Prêmio “O melhor para criança” (com o livro *Onde tem bruxa tem fada*, 1979), da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, dentre outros, inclusive pela publicação de *Coração não toma sol*, que foi agraciado com o Prêmio Orígenes Lessa – FNLIJ/1987.

Ele trabalhou com educação e sempre demonstrou um interesse especial pela arte, que, segundo ele, é a melhor forma de se educar, pois acreditava que embora seu fazer primeiro fosse a literatura, não conseguia separá-la das outras artes. Por isso fazia incursões em todas e ainda atuou como professor.

Em algumas entrevistas o autor chegou a afirmar que sua literatura é obra da dor, que nunca o deixou, decorrente da morte prematura da mãe. Talvez por isso a presença do avô paterno tenha sido fundamental em sua infância, temática recorrente em sua obra, com destaque especial nos livros *Indez* (1988), *Por parte de pai* (1995) e *Ler, escrever e fazer conta de cabeça* (1996). Nessa trilogia, a infância nos é apresentada por um menino protagonista que passa momentos de alegria, mas que destaca também o sofrimento da criança exposta às situações de dor. Bartolomeu consegue tocar em temas fortes por meio de uma escrita sutil, numa linguagem carregada de sentimento que desperta em quem lê empatia. São livros que, de certa forma, trazem uma melancolia poética, nos convidando a experimentar o mundo subjetivo de suas lembranças, que acreditamos que não se refiram somente ao particular, pois representam uma infância que se assemelha a de muitas pessoas.

Segundo Dutra e Silva (2010), Bartolomeu Campos Queirós se destaca pela capacidade de reflexão, sensibilidade e criatividade sobre a produção artística e educacional.

Já de acordo com a visão de Lima e Pereira:

O escritor Bartolomeu, quando menino, ganhou a liberdade de se mover no mundo da fantasia, de passear pelo espaço mito-poético e, quando cresceu, se tornou poeta para não perder essa liberdade. É o que constatamos ao ler a obra e a biografia desse escritor mineiro, que produz seus textos com palavras da cor da infância, no intuito de mostrar a sua cor primeira. (LIMA E PEREIRA, 2008, p. 117).

Bartolomeu Campos Queirós publicou mais de 60 livros e uma de suas últimas obras foi *A filha da preguiça*, publicada em 2012, pela Autêntica Editora. Algumas de suas obras foram traduzidas para outras línguas. O escritor foi idealizador do Movimento por um Brasil Literário, do qual participou ativamente e ganhou importantes prêmios, como Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres (França), Medalha Rosa Branca (Cuba), Grande Medalha da Inconfidência Mineira e Medalha Santos Dumont. Ganhou também o Grande Prêmio da Crítica em Literatura Infantil/Juvenil pela APCA, o Jabuti, o Prêmio Academia Brasileira de Letras, entre muitos outros. Em 2000, entrou na Lista de Honra do IBBY. Em 2008, recebeu o Prêmio Ibero-Americano de Literatura Infantil, da Fundação SM, no México, pelo conjunto de sua obra.

A escrita de Bartolomeu Campos de Queirós é daquelas que desafiam o leitor a decifrar o não escrito. Em *O coração não toma sol*, percebemos que o autor nos leva a experimentar várias sensações a respeito do coração e de como ele está, pois a obra traz uma diversidade de sentimentos, tais como a alegria, a magoa, a dor, a insegurança, o medo, o desejo, a saudade e etc.

1.1 Considerações sobre a obra de Bartolomeu Campos de Queirós

Acreditamos que as obra deste autor chama a atenção de seus leitores pelo fato de que ele acreditava que através da leitura podia atrair e sensibilizar a imaginação e a fantasia em seu público-leitor. Dutra e Silva acreditam que a narrativa deste escritor:

cria em seu discurso o espaço para o sensível mundo dos sonhos, da fantasia, da imaginação, apresentando qualidades capazes de seduzir desde o leitor iniciante ao leitor mais fluente, reforçando ainda mais o processo de desenvolvimento da habilidade cognitiva e não inferiorizando a capacidade interpretativa de seu interlocutor. . DUTRA E SILVA (2010, p. 03).

As autoras citam mais uma vez Lima e Pereira (2008, p. 118), que destacam o valor da obra desse escritor ao fazerem a seguinte afirmação:

Acredita-se que o reconhecimento mais valioso para este escritor é o prazer que os leitores, independente da faixa etária, sentem quando provam suas palavras poéticas, instrumentos que despertam em muitos leitores a sua parcela mito-poético, na acepção de Glória Kirinus (1988). Logo, retornar à infância, através das obras de Bartolomeu, é abrir a porta para deixar viver a nossa criança mágica. Esse é o sentimento que nos habita ao lermos suas memórias poéticas.

A poesia tem marca expressiva na obra de Bartolomeu Campos Queirós, pois é através dela que a infância se faz recorrente. Segundo Henriqueta Lisboa, em comentário que aparece na capa da edição *Coração não toma sol* (1998), com a qual trabalhamos, “é através da imaginação que se atinge, muitas vezes, a etapa da lucidez”. E segue dizendo que; “dar asas à imaginação não é fechar os olhos a verdades patentes, mas abri-los para o mundo subjetivo, sempre mais vasto, profundo e sutil, capaz de enfrentar, interpretar, compreender, remover e reformular circunstâncias exteriores”.

Talvez consista nisso, na imaginação, a importância da leitura da obra desse escritor mineiro, que em meio a tantas mutações sociais e revoluções tecnológicas consegue preservar os dons essenciais do sentimento e da sensibilidade que, sempre, na visão de Henriqueta, são “suscetíveis de aperfeiçoamento”. Ainda sobre a obra de Bartolomeu Campos Queirós, Henrique Lisboa segue ainda comentando a respeito de *Coração não toma sol*, na capa do livro:

Este seu novo livro, *Coração não toma sol*, (porém sim amor), comprova e documenta sua íntima força lírica, seu infalível bom gosto e sua original capacidade inventiva, em estilo que se distingue pela singeleza. Tal poema, pela mesma autenticidade e espontaneidade, não possui destinatário. É como o azul do céu, propício a todos. Tem o dom de atrair a criança pela graça ingênua da narrativa; e o adulto afeiçoado à naturalidade das origens, pelo que oferece de transparente. O esquema do texto é simbólico e revela, sem acabar de revelar, um segredo de amor. “Não era fácil ser coração.” Em verdade, não é fácil ser coração. A menos que se transfigurem em música, assim como faz Bartolomeu, os momentos angustiantes da existência.

A singeleza com que o autor aborda a importância do sentimento e da necessidade de se doar ao outro é destacado por Henrique Lisboa, que atenta

ainda para o simbolismo da linguagem de Bartolomeu Campos Queirós. Uma vez que se trata de uma narrativa com marcas da poesia, resta-nos, então, buscar uma caracterização da prosa poética. É o que faremos a seguir.

2 SOBRE A PROSA POÉTICA: aspectos teóricos

Repleta de ação, dinamismo e diálogos que muitas vezes levam a criança para dentro da história, a prosa constitui um estilo literário capaz de enfeitiçar o pequeno leitor por horas a fio. Por essa razão, desde muito pequena aflora uma empatia imediata da criança por esse gênero literário, principalmente através do ato de contar histórias que vai se propagando no incentivo à leitura em casa ou na trajetória escolar.

Embora seja aparentemente o primeiro contato da criança com a literatura, por meio das cantigas de ninar, em regra, os pequenos não são estimulados a ouvir ou ler poesia, posteriormente. De acordo com Cunha (2003), quando a criança, de fato, é apresentada à poesia e não demonstra apreço, isso deve ocorrer ou pela má escolha do poema, ou pela forma como ele foi trabalhado.

Ainda segundo Cunha (2003), existe o predomínio da linguagem afetiva na poesia e na criança, pois a primeira forma de expressão do homem em sua história é a primeira a encontrar ressonância na alma infantil. Dessa forma, é possível observar que entre as formas de arte, a criança prefere primeiro a música, depois a poesia. Basta observar, por exemplo, o encantamento exercido pelas cantigas de ninar sobre os pequenos.

De fato, a poesia proporciona a quem ler verdadeiro afago à sensibilidade e à fantasia. Coelho (2000, p. 221) observa que “a essência da poesia arraiga em um certo modo de ver as coisas. Uma visão que vai além do visível ou do aparente, para captar algo que nele não se mostra de imediato, mas que lhe é essencial”. Diante dessa afirmação da autora, é cabível relacionar o posicionamento de alguns teóricos que tencionam diferenciar a poesia da prosa, para, conseqüentemente, caracterizar a prosa poética.

Uma das primeiras definições acerca da poesia, remonta à Grécia Antiga, quando em sua obra *Poética*, Aristóteles (1984, p.249) afirma que “a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular”. O filósofo considera ainda que a poesia atribui a quem a escreve a liberdade de expressar suas ideias, de acordo com a natureza de seus pensamentos, enquanto que a prosa

(ou a história), mantém o indivíduo que a escreve extremamente ligado a um determinado fato ou assunto.

Aristóteles enfatiza outra característica que poderia apontar a identificação entre um texto poético e um texto em prosa, reafirmando, no entanto, que os elementos que deveriam prevalecer genuinamente na prosa podem se fazer presentes na poesia e vice-versa.

Dessa forma, faz-se necessário afirmar que a presença de um elemento poético em determinado texto não é suficiente para caracterizá-lo como poesia. Analisemos a esse respeito, as considerações do autor na sua *Poética*:

Daqui claramente se segue que o poeta deve ser mais fabulador que versificador; porque ele é poeta pela imitação e porque imita ações. E ainda que lhe aconteça fazer uso de sucessos reais, nem por isso deixa de ser poeta, pois nada impede que algumas das coisas que realmente acontecem sejam, por natureza, verossímeis e possíveis e, por isso mesmo, venha o poeta a ser o autor delas. [...] Desta maneira, se alguém compuser em verso um tratado de medicina ou de física, esse será vulgarmente chamado “poeta”; na verdade, porém, nada há de comum entre Homero e Empédocles, a não ser a metrifcação: aquele merece o nome de “poeta” e este o de “fisiólogo”, mais que o de poeta. ARISTÓTELES (1984, p. 249)

Em tempos contemporâneos a caracterização da prosa e da poesia não emana do assunto que é abordado pelo texto, como reiterava Aristóteles, mas sim da forma como é escrito, através de símbolos. Segundo Paixão (apud CUNHA, 2003, p. 124) é através da linguagem simbólica que se faz a poesia, haja vista a amplitude de significado que as palavras podem ter mediante a interpretação de cada leitor, por isso a autora defende que:

Em princípio, aliás, uma palavra ou imagem é simbólica sempre que representa algo mais do que seu significado imediato e óbvio. Ora, na linguagem poética isso ocorre com extrema frequência, ou quase sempre, pois a intenção fundamental da poesia é exatamente transmitir esse algo mais que ultrapassa o racional e o consciente.

De fato, a linguagem poética faz uso de componentes que genuinamente remetem o leitor a conceber uma interpretação pautada na ausência de padrões. O contato de quem ler a poesia com o ritmo, a rima, o metro, além dos elementos simbólicos e sonoros é capaz de proporcionar inúmeras

divagações, as mais diversas. Provavelmente, por causa dessa amplitude interpretativa, reforçada pela ornamentação da linguagem, os autores que escrevem em prosa aplicam em suas narrativas os elementos poéticos.

D'Onofrio (2004, p. 24) explica como esse conceito de que a forma da escrita caracteriza uma poesia passou a ser difundido, em face daquele apontado por Aristóteles:

A distinção poesia-prosa literária era incontestada até a época do neoclassicismo, porque se fundamentava no aspecto formal do texto, mais do que no efeito produzido. A estética clássica considerava *poesia* o texto literário que se caracterizava pela sobrecarga de código retórico relativo ao uso de sua versificação, da escolha das palavras, das figuras de estilo, dos tópicos consagrados.

Mas esse rigor quanto ao uso da retórica tornou-se praticamente obsoleto após o período do pré-romantismo porque, ainda segundo D'Onofrio (2004, p. 24-25), “enquanto a prosa literária tende a poetizar-se pelo uso de imagens, símbolos e ritmos, a poesia se aproxima cada vez mais da prosa literária pela renúncia dos esquemas métricos, rítmicos, estróficos”.

Para caracterizar a prosa e a poesia D'Onofrio afirma que a diferença consiste na presença do verso ou na ausência deste, ressaltando que a palavra *verso*, deriva do latim *versus* e significa “retorno”, “volta para trás”; enquanto *prosa*, provém do latim *prorsus* e quer dizer “ir pra frente”, “avançar sem limites”. O autor reafirma ainda que “apesar dessa diferença formal, os elementos estruturais do poético, como já notamos, são comuns a qualquer obra literária, seja ela versificada ou não”. Ou seja, a poesia (seus elementos) está presentes também nas obras literárias escritas em prosa, ocasionando a criação de uma forma intermediária, chamada de **poema em prosa ou prosa poética**, já mencionada em outras palavras por Aristóteles.

2.1 A expressividade da linguagem poética

A interação de qualquer leitor com a poesia é uma forma extremamente prazerosa e divertida de instrução, haja vista a amplitude de ideias que podem ser difundidas em um único verso. Dessa forma, alguns estudiosos vislumbram

esse gênero literário como instrumento primoroso quando explorado no contexto escolar.

Do mesmo modo, o texto em prosa também apresenta inúmeros atributos, evidenciados pela presença do diálogo, das peripécias que se desenrolam ao longo das histórias, da descrição detalhada dos cenários, a variedade de personagens, características capazes de despertar a criatividade do pequeno leitor, o domínio interpretativo de enredo, espaço, tempo cronológico.

Nesse contexto, Coelho (2000, p. 222-223) ressalta a eficácia do gênero poético evidenciando o poder que a poesia tem de ampliar a visão do leitor:

Se partirmos do princípio de que hoje a educação da criança visa basicamente leva-la a descobrir a realidade que a circunda; a *ver* realmente as coisas e os seres com que ela convive; a ter consciência de si mesma e do meio em que está situada (social e geograficamente); a enriquecer-lhe o intuito daquilo que está para além das aparências e ensiná-la a se comunicar eficazmente com os outros, a *linguagem poética* destaca-se como um dos mais adequados instrumentos didáticos.

Além dessa função educativa, que se impõe de modo lúdico, a poesia também constitui um excelente instrumento de entretenimento. De acordo com Abramovich (2004, p. 67), alguns poetas trazem para seus textos atrativos irresistíveis à criança, como a música e a dinâmica:

Há poetas que brincam com as palavras dum modo gostosíssimo de a criança ouvir e ler. Lidam com toda uma ludicidade verbal, sonora, às vezes musical, às vezes engraçada, no jeito como vão juntando as palavras, fazendo com que se movam pela página quase como uma cantiga, e ao mesmo tempo jogando com os significados que a mesma palavra possui.

Essas diversas possibilidades de enriquecimento da linguagem de que trata Abramovich também despertam a imaginação do leitor, aguça sua curiosidade no intuito de descobrir o significado dos símbolos e proporciona prazer no ato da leitura. Ao lançar mão da combinação de palavras, sonoridade, repetições, a poesia transmite de maneira individual a cada leitor a emoção, a sensibilidade, o deslumbramento. De acordo com Coelho (2000, p. 222) são diversas as possibilidades de criação ao autor de um bom poema, mas este sempre proporciona a quem o lê o mesmo encantamento:

Poesia é também imagem e som. As palavras são signos que expressam emoções, sensações, idéias... através de imagens (símbolos, metáforas, alegorias...) e de sonoridade (rimas, ritmos...). É esse jogo de palavras, o principal fator da atração que as crianças têm pela poesia, transformada em canto (as cantigas de ninar, cantigas de roda, lengalengas...). Ou pela poesia ouvida ou lida em voz alta, que lhes provoque emoções, sensações, impressões, numa interação lúdica e gratificante.

Aristóteles (1984) afirma que em algumas poesias os autores se utilizam de todos os meios sobreditos, quais sejam, de ritmo, de canto e metro. Nesse sentido, reitera Goldstein (2004, p. 18) que “entre os latinos e os gregos da Antiguidade Clássica, havia um sistema quantitativo: considerava-se a alternância entre as sílabas longas e sílabas breves”.

Atualmente a medição das partes do verso passou a levar em conta, além da quantidade de sílabas, a tonicidade das palavras. De acordo com Goldstein (2004, p. 19) “nosso sistema é o da contagem de sílabas métricas, ou seja, o sistema silábico-acentual. Conta-se o número de sílabas dos versos; em seguida verificam-se quais as sílabas fortes, tônicas ou acentuadas em cada verso”, além disso, a metrificação do verso de um poema pode variar mediante a preferência do poeta, de modo que pode apresentar versos regulares que variam de uma até doze sílabas poéticas.

Nesse contexto, afirma Abramovich (2004), é comum encontrar poemas que seguem uma métrica específica, uma maneira obrigatória de compor as frases e seu número exato de palavras em cada estrofe, assim como encontrar poemas do tipo livres, abertos, os quais são produzidos usando apenas a emoção e a beleza evidenciada pela vontade do poeta em produzir algo de gracioso e encantador.

E a graciosidade da poesia de que trata Abramovich não se constitui apenas em razão da disposição dos versos, mas também da sonoridade que produz enquanto é lida ou recitada. Acerca disso, Goldstein (2004, p. 07) destaca que a “poesia tem um caráter de oralidade muito importante: ela é feita para ser falada, recitada”.

Por essa razão, de acordo com Abramovich (2004, p. 76), o ritmo se configura como mais um elemento essencial à caracterização da poesia, pois

é o que possibilita acompanhamento musical ao que é lido ou ouvido. Dado pelos olhos que vão seguindo linhas e linhas, dado pela voz que fala, pelo corpo que se move junto, seguindo o compasso dos versos, a cadência do poema, o envolvimento acontecendo por inteiro.

É através do ritmo que se pode observar o cerne musical e sonoro das palavras, o compasso do poema. Cunha (2003, p. 119) destaca a importância dessa musicalidade no universo infantil quando afirma que o ritmo constitui elemento essencial a toda arte e à poesia, e por isso, deverá ser fortemente marcado no poema para crianças. A autora atribui também à rima a capacidade de promover o enriquecimento do texto e o apreço por parte dos pequenos leitores, uma vez que esses elementos marcam o objetivo lúdico da criança, diante sobretudo da poesia.

De fato, assim como a metrificação e o ritmo, a rima (ou o canto, como denominava Aristóteles) constitui um elemento poético capaz de enriquecer, de forma grandiosa, uma poesia. Segundo Goldstein (2004) as rimas podem se apresentar de forma interna ou externa nos versos, ou podem ser do tipo consoante (semelhança de consoantes e vogais) e toante (apenas semelhança de vogal tônica). Em quaisquer casos, representa um recurso de grande efeito musical e rítmico ao poema.

Nesse sentido, Abramovich (2004, p. 72) reitera o argumento de Goldstein:

As rimas – outro recurso poético – são tão gostosas de ler e ouvir quando bem escolhidas, bem trabalhadas!... Não podem é ser postas sem nenhum critério, pois há regras poéticas que as definem bem: podem vir intercaladas, rimando a primeira com a segunda linha, ou então de outro jeito, dependendo do tipo de versificação que o poeta escolhe para cada poema que faz...

Uma vez que o livro selecionado para esse estudo se caracteriza, enquanto gênero, como prosa poética, o capítulo a seguir objetiva verificar a recorrência de alguns elementos poéticos no enredo que compõe a narrativa *Coração não toma sol*, de Bartolomeu Campos Queiroz.

3 IDENTIFICANDO AS MARCAS DA POESIA NA NARRATIVA: leitura de *Coração não toma sol*

Ao dormir o castelo, tudo se misturava em liberdade. A infância ameaçava passear pelo céu, e o castelo se fazia voador. Nesse brincar, o coração passava em revista fatos antigos, fartas fantasias. Mas ele sabia que era da sua natureza não descansar. Sabia mais, que coração só dorme uma vez -definitivamente. (Bartolomeu Campos Queirós)

3.1 O enredo da narrativa

Por viver entre as sólidas paredes de um castelo, era um coração que não tomava sol. Ele tinha por tarefa guardar tudo aquilo que o castelo encontrava, pensava e sonhava. Tantos enredos surgiam do leste ou chegavam do oeste, que o coração os guardava sem saber por que vinham. E assim, o autor expressa simbolicamente, o ofício do coração onde continha: seus desejos, seus medos, seus desafios e suas lembranças.

Se entendermos a poesia como a tradução da emoção, da sensibilidade e do deslumbramento, podemos dizer que *Coração não toma sol* nos coloca diante de um grande poema, uma vez que essa pequena narrativa acaba nos revelando um segredo de amor.

Concordamos com Henriqueta Lisboa, ao comentar essa narrativa na capa do livro, quando faz a seguinte afirmação: apesar da aspereza de nossos tempos, a poesia conservar-se no campo do existir como fenômeno de bom senso, compensação e recompensa, com a faculdade de preservar a infância.

A leitura de *Coração não toma sol* nos coloca mesmo diante da infância preservada, na medida em que a linguagem da narrativa vai desenvolvendo um enredo cheio de sugestões e elementos que aproximam a narrativa da poesia.

Ainda segundo Henriqueta Lisboa, é através da imaginação que se alcança, muitas vezes, a etapa da lucidez. Assim, dar asas à imaginação não é fechar os olhos a verdades abertas, mas ligar para o mundo subjetivo, sempre mais amplo, intenso e sutil, capaz de encarar, interpretar, compreender, remover e reformular circunstâncias exteriores. É o que faz Bartolomeu de Queirós em *Coração não toma sol*: cria um enredo em que um coração é personificado e atua como uma “instável fortaleza”:

Ele tinha por tarefa represar tudo aquilo encontrado, pensado e sonhado pelo castelo – instável fortaleza... Tantas tramas lhe trazia o sul, que era preciso serenidade para prender uma emoção à outra. Havia penas que penetravam sem o coração perceber e ali pousavam, secretamente. (QUEIRÓS, 1998, p.03)

A singeleza da linguagem da narrativa nos remete para as sutilezas da poesia, por isso, veremos mais detidamente, a seguir, alguns dos elementos poéticos recorrentes em *Coração não toma sol*.

3.2 As marcas da poesia

Um dos traços inventivos que marcam a narrativa de Bartolomeu Campos Queiros é o animismo, aspecto que tende a despertar o interesse dos leitores mirins. Podemos identificar tal aspecto a partir do próprio título da narrativa em análise: *Coração não toma sol*, expressão que é reiterada ao longo do texto figurando como uma espécie de refrão. Conforme já afirmamos, trata-se de um coração que é personificado e que continha intensos e diversos segredos: de alegria, de mágoa, ou eram de dor e sorte ao mesmo tempo, as coisas. “Não era fácil ser coração, pois mesmo durante o sono do castelo, ele batia atento, velando os sonhos”. (QUEIRÓS, 1998, p. 05)

Outra personificação que não passa despercebida é a do castelo, que dorme, sonha e ao dormir “a infância ameaçava passear pelo céu, e o castelo se fazia voador”. A utilização dessa figura de linguagem demonstra o simbolismo da linguagem de que Cunha (2003) faz referência anteriormente ao afirmar que é através da linguagem simbólica que se faz a poesia.

A presença desse recurso põe em diálogo a narrativa com a fantasia que marca a experiência infantil: através da fantasia a criança amplia sua experiência de mundo e se socializa. Para tanto, o contato com o universo poético se faz importante, uma vez que a dinâmica da linguagem lúdica favorece o desenvolvimento do horizonte de expectativa dos leitores em formação.

Uma das sugestões poéticas que se verifica nas ações do coração que não tomava sol, cuja atuação não era fácil – “Não era fácil ser coração” – diz respeito às imagens poéticas que comparecem em construções como as que seguem:

Ao dormir o castelo, tudo se misturava em liberdade. A infância ameaçava passear pelo céu, e o castelo se fazia voador. Nesse brincar, o coração passava em revista fatos antigos, fartas fantasias. Mas ele sabia que era da sua natureza não descansar. Sabia mais, que coração só dorme uma vez – definitivamente. (QUEIRÓS, 1998, p. 06)

A tradução do sentimento se manifesta ainda nos tantos desejos sentidos pelo coração:

Entre tantos desejos, naquela manhã o castelo viu-se com vontade de visitar árvores e sombras, divagar em jardins e lembranças. Ao provar um chocolate, nasceu em sua boca o sabor da infância. O castelo pressentiu o coração como capaz de conter o gosto do vivido. (QUEIRÓS, 1998, p. 10).

Os sentimentos vivenciados pelo Coração denota uma emotividade bastante comum à poesia, fruto da combinação de palavras que pode ativar a sensibilidade do leitor em formação. A concretização dos sentimentos se intensifica a partir do momento em que o castelo encontra outro castelo:

Se por diferentes desvios ou labirintos secretos enveredava o castelo, o coração evaporava-se em alados anseios pelo inesperado... Houve um dia, há longe tempo, em que o castelo encontrou, em portas de primavera, outro castelo. Entre olhares vislumbraram, calados, um só horizonte. E no castelo deu-se nova descoberta: o coração adivinhava – sem margem de engano – intuitos silenciosos, desnecessários de se fazerem em palavras. (QUEIRÓS, 1998, p. 10)

Os “intuitos silenciosos, desnecessários de se fazerem em palavras” tende a aguçar a fantasia na medida em que possibilita imaginar não apenas os sentimentos que perpassam o íntimo do Coração, mas os dos leitores em contato com a prosa em análise.

Consideramos profundamente humano o desejo do coração em querer se desdobrar, ao invés de ser “mão aberta”. Nesse processo, o coração “suspeitava medos”.

Inventivo é o modo como se vai criando o coração e se transformando em estrela de cinco pontas:

Alguns fatos, ele os depositava em seu lado direito; outros, ele os confiava ao seu lado esquerdo, enquanto no fundo ficava a infância. O apenas imaginado – palavras nunca faladas – quietava-se nas bordas de cima. Ao centro as ocorrências que poderiam estar em qualquer das partes (QUEIRÓS, 1998, p. 16).

Interessante observar o lugar de destaque em que a infância é colocada na vida do Coração: ao fundo, ou seja, um lugar especial, o que remete para a atenção do escritor ao público infantil. A capacidade inventiva de Bartolomeu Campos Queirós se traduz na imagem de “borboleta pousada no cabelo da mãe”, que é reiterada pelo desejo das cores que queriam estar no fundo, junto da infância, resultando na imagem de infância colorida. “E quando lá deixadas, voavam para o lugar da imaginação. A borboleta chegou a ocupar o coração por inteiro” (QUEIRÓS, 1998, p. 18).

Uma vez que o sol era a estrela que o castelo mais amava, este foi o presente escolhido pelo castelo para oferecer ao coração, pelo seu exercício: “ele sabia que o coração jamais havia provado a luz” (QUEIRÓS, 1998, p. 22).

Vale destacar que pelo seu resto de medo, “o castelo pensou em deixar o coração ao sol, mas aos pedaços. E como cinco eram as partes, em pouco tempo ele estaria todo ensolarado” (QUEIRÓS, 1998, p. 24).

Depois de ter suas partes estendidas ao sol, até somar um coração inteiro, este se enche é de amor, afinal, “coração não toma sol”. Observamos que o coração, “instável fortaleza”, no início do enredo, se fortalece a partir do momento em que se abre para o outro, saindo do isolamento. Sendo assim, podemos dizer que a narrativa funciona como uma grande metáfora para abordar a importância do amor, sentimento que transforma a experiência do coração. Amar exige empenho e esforço, por isso “não era fácil ser coração”, além de serenidade.

Tal reflexão nos é colocada a partir do emprego de construções simples e curtas, além de repetições de fonemas que remetem para o gênero poético. Observe como na apresentação do coração identificamos a repetição do fonema “P” nessa construção: “**P**or viver entre sólidas paredes, era um coração que não tomava sol”. A palavra “sol” está contida em “sólidas” e esse tipo de repetição é muito comum em todo o enredo, como podemos verificar a seguir: “Era desejo seu se organizar um dia, mas estar em castelo movediço é ser sempre um sujeito em imprevistos” (QUEIRÓS, 1998, p. 04). Observe que a repetição do fonema “s” se repete em quase toda palavra dessa construção, dando ritmo poético à frase. A respeito deste elemento poético, não podemos esquecer que o ritmo, em linguagem, é uma sucessão alternada de sons tônicos e átonos, repetidos com intervalos regulares, como acontece na

sucessão de palavras acima. Seja prosaica ou poética, toda linguagem apresenta um ritmo, elemento da poesia que provoca prazer estético tanto na criança quanto no adulto em geral, afinal, conforme observa Cunha (2003, p. 126): “a poesia acompanha o ser humano desde a sua mais remota infância, através de cantigas de ninar, jogos de palavras e fonemas e das canções folclóricas, provocando o prazer estético e auxiliando na descoberta e no domínio do código oral”. Sendo assim, acreditamos que a escola tem papel bastante importante na formação de leitores e deve buscar na literatura, especialmente na poesia, o suporte para atividades de leituras lúdicas e prazerosas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que a criança interaja com a poesia, acreditamos que seja importante levar em consideração o conhecimento que ela já tem e o que é oferecido pelo texto, até mesmo o que se pode encontrar nas entrelinhas. Nessa visão, o texto poético estimula no leitor o desejo de descobrir o novo, através do brincar com as palavras e a partir da leitura e da compreensão, procurando o sentido das coisas por meio da fantasia.

Nessa perspectiva, a vivência com o texto poético desde cedo torna a criança um ser que enxerga o mundo de maneira diferente, ao ponto de tornar-se competente para discutir e trocar ideias com os amigos. Sendo assim, a leitura da obra de Bartolomeu Campos Queirós pode ser fundamental no processo de construção da história de leitura da criança, pois, além de muita fantasia, apresenta ritmo e encantamento. O ritmo, além de trazer qualidade e beleza ao poema, também afeta de alguma maneira no conteúdo, fazendo com que este apresente imagens que provocam na criança uma atenção voltada para o jogo com as palavras.

Assim, o ritmo acontece de acordo com o tipo de verso que o poeta seleciona, resultado de uma sequência sonora ou do jogo de repetições das palavras. A partir daí é que o texto gera novos efeitos.

O estudo crítico de *Coração não toma sol* possibilitou a constatação de que a fantasia constitui uma das principais características da linguagem de Bartolomeu Campos de Queirós. A narrativa proporciona uma viagem fantástica ao universo da poesia, reiterada pela presença de metáforas, personificações e outros recursos tipicamente próprios do lírico.

Tais recursos evidenciam o valor da linguagem do escritor, cuja obra pode contribuir significativamente para o desenvolvimento do gosto pela leitura, ampliando o universo cultural de crianças e jovens. Nesse sentido, defende-se a presença dos livros de Bartolomeu Campos de Queirós na escola. Esta, aliás, precisa acolher com menos praticidade a literatura em sala de aula, sobretudo a poesia.

Chegamos à dedução de que a poesia tem o poder de transformar tanto a criança quanto o adulto, pois ela sempre está presente no desenvolvimento

do ser humano, a leitura deve sempre ser vista de forma prazerosa e fantasiosa.

Enfim, o estudo realizado aponta, dentre outras questões, para a necessidade de se privilegiar o lúdico, uma vez que através dele a criança tem a oportunidade de ampliar sua criatividade e, de forma prazerosa, tomar gosto pela leitura.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2004.

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores).

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. 18 ed. São Paulo: Ática, 2003.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 1: prolegômenos e teoria da narrativa**. São Paulo: 2004.

DUTRA, Leidenaide Sales. & SILVA, Vaneide Lima Silva. **BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS: Leitura de *Onde tem bruxa tem fada...*** Monografia de Conclusão de Curso. Patos, 2010.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. 13 ed. São Paulo: Ática, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo. Atlas, 2008.

LIMA, M.M. Soares de; PEREIRA, Jaquelânia A. "A infância poética em Bartolomeu Campos de Queirós: uma leitura de *Ler, escrever e fazer conta de cabeça*". In: PINHEIRO, H. PEREIRA, J. A e NETO, M.A. (orgs). **Literatura e formação de leitores**. Campina Grande: Bagagem, 2008.

MINAYO, M.C. De S. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 22 Ed. Rio De Janeiro: Vozes, 2003

PAIXÃO, Fernando. **O que é poesia**. In: CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. 18 ed. São Paulo: Ática, 2003.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos Queirós. **Coração não toma sol**. Desenhos de Mário Cafiero. 11 ed. São Paulo: FTD, 1998.